



MARINA MACHADO

UMA
JANELA
para o CÉU

★ Um romance ★
intenso e divertido

TALENTOS
DA LITERATURA
BRASILEIRA

Uma janela para o céu

Copyright © 2017 by Marina Machado

Copyright © 2017 by Novo Século Editora Ltda.

AQUISIÇÕES

Cleber Vasconcelos

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vitor Donofrio

EDITORIAL

João Paulo Putini

Nair Ferraz

Rebeca Lacerda

PREPARAÇÃO

Monica Reis

DIAGRAMAÇÃO

Vitor Donofrio

REVISÃO

Alline Salles (AS Edições)

CAPA

Marina Avila

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Loope - design e publicações digitais | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Marina

Uma janela para o céu

Marina Machado

Barueri, SP: Novo Século Editora, 2017.

(Coleção talentos da literatura brasileira)

ISBN: 978-85-428-1315-9

1. Ficção brasileira I. Título

17-0702 CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

novo século®

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Capítulo 1

Todo acontecimento ou fato histórico traz sabedoria e evolução para a sociedade, pelo menos é o que as guerras e as grandes revoluções, aparentemente, nos deixaram – além do sofrimento. Assemelha-se aos episódios e fases da vida. Nascemos, e inicia-se em nossa ampulheta um escoamento impressionante. Quando percebi, o tempo já havia extorquido metade da minha existência.

Sou Julyana Barocci, uma mulher de 35 anos, bonita, independente, mas em crise existencial e, a partir deste milésimo de segundo, solteira. Gostaria de virar a ampulheta para que as areias da minha vida provocassem um efeito “Benjamin Button”.

Como me atrevo a dizer que o tempo é bom ou compará-lo à bela fluidez de uma cachoeira cristalina? O tempo é impiedoso. Invade, maltrata e expõe nossa aparência e fraqueza, desfigurando toda a nossa jovial formosura.

Meninas de vinte anos são frescas, neuróticas, pegajosas e inseguras. Alguns homens preferem as mais novas, talvez pela disposição e pela falta de compromisso. Uma mulher de trinta transpira muito comprometimento, o que assusta. Já tive vinte anos e fugia do compromisso. Hoje tenho 35, e quero que me levem a sério. Isto é possível?

Penso que *tempo* é uma palavra sobrecarregada, tal como uma bomba, que pode explodir a qualquer momento. A minha explodiu hoje!

Eu não sou uma amante romântica, muito menos uma namorada passional. Apesar de pouco tempo de relacionamento, resolvi surpreender meu namorado, o Paulo César, vulgo PC. Namoramos por efêmeros dois meses, bem interpolados em razão do trabalho. Um namoro sem graça, mas com sexo bom. Ele é bonito, porte médio, moreno e cabelos baixos. Está sempre com a impressão de que precisa se barbear, e seu belo rosto acompanha uma curiosa pinta do lado esquerdo do seu nariz convexo. Um sinal que, dependendo do ângulo, parece um homem de duas caras.

Decido comemorar o aniversário do PC. Eu o conheci num boteco; desde então, iniciamos um namoro relâmpago. Resolvo seguir as dicas de algumas páginas de revistas, aqueles periódicos femininos cheios de perfumaria, tipo: “Como deixar seu parceiro apaixonado”, “A arte da conquista: os dez mandamentos”. Dessa forma, sigo o compasso das milhares de mulheres que lutam por um objetivo: manutenção do macho alfa ao lado.

QUINTA-FEIRA! Dia de semana mais tranquilo e folga das aulas na academia. Sim, ele é *personal trainer*. Imagina só, trabalha ativamente com o venerado grupo GP, glúteo e pernas o dia todo. Bem tentador! Preparo todas aquelas presepedas que mulheres customizam para a comemoração de alguma data importante com o querido. Coloco uma lingerie comestível para impressionar, coisa à qual nunca havia me submetido. Lingerie estranha, mas o gosto, dizem que é bom. Deus do céu! Chego ao prédio do PC, por volta das oito horas. Um prédio com a frente arredondada e varanda na fachada, localizado nos Jardins, em São Paulo, a algumas quadras da Paulista, que seu pai, militar aposentado, deixou-lhe de herança.

Bato na porta do apartamento 007, sem James Bond! Estou vestida de coelhinha da *Playboy*, com um Malbec a tiracolo. Salto agulha e luvas cintilantes. Detalhe para o pompom garboso no meu bumbum. Com dificuldade, mantenho as escápulas recolhidas. Estou vestida para sensualizar.

Toco a campainha e nada. Outro din-don. Em seguida, uma leve batidinha. Aquele antigo “Ô de casa!” não ia rolar.

Desisto.

Percebo que a porta não está trancada. Empurro-a bem devagarinho. Ouço um ranger tênue das dobradiças carentes de óleo. Meus olhos castanhos amendoados brilham de tanta expectativa. É a primeira vez que tento fazer algo surpreendente para alguém.

– Ele está me esperando – sussurro e bato palminhas como uma foca feliz.

Posiciono o vinho e os copos na bancada da cozinha americana toda decorada em preto e amarelo. Jogo algumas pétalas brancas pelo chão. Não quis as vermelhas, para fingir não ser tão clichê.

Está na hora de dar um susto e sobressaltá-lo. Mas não quero parecer o fantasma camarada. Tenho que flagrá-lo de maneira sensual. Percorro o corredor estreito e com pouca iluminação saltitando, pé ante pé, silenciosamente. O chão é de tábua corrida, por isso tomo cuidado para evitar o estalar da madeira. Lá está o último quarto com a porta entreaberta. Empurro-a levemente.

Uma cena a contragosto! Não dá para acreditar.

Meu corpo petrifica, meus olhos escurecem de fúria, quando vejo meu namorado com uma minúscula criatura na cama, numa espécie de supino invertido com agachamento sumô.

Deus do céu!!

Minha respiração para. Meu corpo está gelado e pálido. Fico como uma estátua sem expressão e em dúvida se deveria me anunciar. Qualquer mulher normal demonstraria ira e abominação diante de uma traição tão vil e, no mínimo, impediria que os amantes alcançassem qualquer êxtase. Mas logo me dei conta de que não conseguiria suportar o semblante daquela franguinha, os pedidos de absolvição (se houvesse) ou qualquer discurso retórico de arrependimento.

Meus joelhos fraquejam. Meu coração, apesar de pulsar descontroladamente, parece que não bombeia o sangue pelas minhas veias. Começo a sentir um pouco de náusea. Sinto-me incapaz de tomar qualquer atitude mais viril, tirando a vontade de pular do prédio. O anseio é de quebrar tudo no apartamento, mas não consigo. A apatia é mais forte do que eu!

Como posso ser tão inútil! Argh!

Por que os homens chifram as mulheres com tanta facilidade? Por que merecemos esse par de galhos com tanta frequência? Como posso ser tão estúpida. Giro meu corpo 180 graus e dou as costas para tudo. Saio abatida do apartamento.

Logo, ouço alguns chamados dele, enquanto estava atravessando a porta de saída do apartamento. Corro e aperto, desesperadamente, o elevador. Não quero ter que olhar para a cara desse cretino! Sem demora, as portas se abrem para mim, para longe de toda a humilhação. Solto um suspiro de alívio! Entro no elevador, e ele surge na minha frente, enquanto as portas se fechavam vagarosas. Consigo notar que está um pouco ofegante; apoia-se nos alizares expondo os músculos suados. Havia enrolado uma

toalha para tampar a pélvis e tinha um olhar desconsolado, porém, não pelo flagrante, talvez por eu ter impedido o seu gozo gutural.

Sinto-me engasgada com a própria saliva. Como posso ser tão imbecil? Qualquer pessoa normal gritaria, xingaria... todavia, me sinto tão lânguida que não reajo.

– O elevador está subindo! Posso te ajudar? – indaga-me um homem alto, logo atrás de mim, de cabelos escuros e olhos cinza-azulados expressivos.

Levo um susto com a voz firme de um terceiro, atraente, com olhos da cor das patas azuis do ganso patola. Muito bem apessoado por sinal, o que me faz ruborizar. Ele está no canto direito. E, eu na frente, com aquele pompom brega e pornográfico fixo nas minhas nádegas.

Sinto o terceiro percorrendo todo meu corpo com os olhos. Tento esconder meu rosto. Que vexame!

Esqueci meu casaco no apartamento do Bond fajuto! Gostaria de tampar todo o meu corpo com as orelhinhas. Pareço uma coisa indecifrável!

– Oh, estou bem!

Deixo a chave do meu carro cair de tanta aflição. Agacho-me para pegar o objeto e, com um movimento simultâneo e sincronizado, o terceiro airoso abaixa-se comigo.

– Animadora de festa infantil, sabe, né?! – Eu balanço a cabeça e cerro os lábios para tentar sorrir e esboçar um ânimo na minha feição anêmica, quase sem sangue. Criancinhas é que não iam se animar com esse modelito de coelha perdida.

– Suas chaves! – Entrega-me o molho de chaves. O que rola é uma autopiedade intransponível...

– Obrigada! – Rapidamente, viro-me para a frente.

Quero voltar para minha toca.

Subo sete longos e lentos andares com aquele homem garboso atrás de mim; somente depois é que percebo que, para arrebentar com minha autoestima de vez, há outra testemunha da minha falta de senso. Uma mulher está com ele, com um olhar debochado e uma gargalhada aprisionada. Aquela típica cena de mulher que tampa a boca com a mão, tentando disfarçar o contentamento com o fracasso alheio. É pra terminar de destroçar o que sobrou de mim!

O casal sai do elevador, e consigo voltar a respirar.

Dá até para fantasiar que ele não achou tão ridículo. Não estou no meu juízo perfeito. Não viaja! Aterrissa! A situação é crítica, já que o casal sai e um par de senhores idosos entra no elevador.

– Boa noite! Festa infantil – digo, pois tenho que dar uma explicação para aqueles olhares de reprovação e de tara por parte do senhorzinho.

Arfo demasiadamente. Quero sair correndo! PC foi um dos casos interinos, assim como todos os outros namorados mensais que arrumei. Mas desta vez a situação vexatória foi singular!

Nunca tive nada duradouro. Sempre acho que o problema é comigo, mesmo em ocasiões em que o cara quer a vizinha de vinte aninhos no dia do aniversário. Como pude ser tão boba? Definitivamente, me vestir de coelhinha da revista *Playboy* não foi uma boa ideia. Porém, um chifre de um safado e desalmado não vai me derrubar na cama.

Entro no meu carro, enfurecida. Meu sangue volta a correr pelo corpo. Sinto novamente meu torso quente. A cor do meu rosto volta ao normal.

Decido ir ao bar onde Paola e Alice estão se divertindo. Quinta-feira é a noite das garotas. O dia reservado para colocarmos a conversa em dia e bebermos sem preocupação. E, hoje, é necessário.

Arranco todos os acessórios de coelha: orelhas, rabo, luvas, gravata e meia-calça. Mantenho o colant e coloco minha saia lápis preta por cima. Para não ficar com cara de cantora de cabaré, ponho meu cardigã cru. De fato, minha composição deixa meu corpo bem sinuoso, com um decote chamativo.

– Vamos, July! Hoje é dia de beber e de esquecer o PC!

Encaro o retrovisor do carro e belisco minhas bochechas para deixá-las mais rosadas. Passo um gloss rosa claro para dar um up.

Ok! Deu tudo errado!

– Não vou chorar, não vou chorar...

Olho à minha volta e me sinto perdida. Estou insatisfeita farejando uma felicidade que nem sei onde mora. Há anos ninguém me leva a sério. Sou um fracasso!

No carro, tento algumas músicas para acalmar as ideias: “Total eclipse of the heart”... Uma facada no coração. Não! “Caça e caçador”. Nem pensar! “Single ladies”. Melhorou! Destino: StarPub!



– Que cara é essa? – pergunta Paola curiosa e preocupada.

– Cara de quem acaba de pegar o namorado numa posição estranha.

– O quê? – assusta-se Alice. – Por favor, três tequilas!

Somos amigas desde o colegial. Dividimos gostos e opiniões parecidos, mas, quando se trata de amor, os pontos de vista são opostos. Sou a pragmática e a óbvia... Isso me irrita!

Paola é a mais realista, e está sempre com um corte moderninho. Apesar de sempre estar presa a relações estáveis. Enquanto Alice é a aventureira do trio, uma loirinha marrenta. Sua única certeza é do que não quer.

– PC simplesmente quis se deleitar no aniversário com uma rapariga de vinte anos. Sério! Não mais do que isso. Por ser dia de semana, não imaginou que eu fosse abordá-lo de coelha e fazer uma surpresa romântica. Sou tão previsível! Quando resolvo fazer algo diferenciado... Argh! – Respiro forte. – Ainda deixei o vinho lá para os dois beberem.

– July, bola pra frente! – Alice tenta me acalmar. – Se fosse um namoro longo, tipo o da Paola, de uma década, daí, sim, seria desesperador!

– Nossa! Deus me livre! – diz Paola. – Me erra!

– Foi ultrajante! Saí de coelhinha pelo prédio. Dois casais me viram.

– Que vexame! – exclama Paola.

– Você não está ajudando... – afirma Alice.

– Também tinha um cara lindo de morrer! – saliento desconsolada.

– Você vestiu uma fantasia de coelhinha da *Playboy*? – questiona Paola com um ar debochado.

– Não tira onda... Muita exposição. E o pior é que falei para o desconhecido que eu era animadora de festa infantil. Senti a necessidade de explicar.

– Essa é boa, só se for animadora de festa pra melhor idade – retruca Paola. Rimos juntas. – Aposto que o

senhorzinho ficou empolgado...

– Ô! Arrepiado!

– Qual foi sua reação no momento do flagrante? – Alice interpela.

– Nenhuma! Foi mais forte do que eu. Por sorte, consegui mover minhas pernas da porta do quarto em direção ao elevador. Minha vontade era de enfiar a cabeça no forno...

– Que é isso, July! E desperdiçar esse tom ruivo de cabelo que nenhuma tintura consegue alcançar?! Você é muito mais do que aquele urso traidor! – exclama Paola.

– Não sou tudo isso. Vocês são minhas amigas, por isso falam assim.

– July, qualquer homem ia querer uma mulher como você ao lado, mas ele ainda não te encontrou – complementa Alice.

– Dificilmente irá encontrar. Vocês sabem que pouco mais de 40% dos adultos são solteiros, sendo a maioria mulheres acima dos trinta aninhos? – Dou uma pausa. – Inclusive estudiosos de uma universidade em Edimburgo concluíram, com base em quarenta comédias românticas, que esses filmes estimulam expectativas irreais, prejudicam o amor verdadeiro.

– Então vamos brindar e abolir as comédias românticas de nossa vida. Nada de a Bela e a Fera, Rose e Jack, Harry e Sally! – E viramos o restante da tequila.

Alice chama o garçom para pedir mais.

– Estou uma chata!

– Tudo bem, você acabou de flagrar uma cena chocante – apimenta Alice.

Consigo dar vários sorrisos com elas. Neste momento, eu preciso beber. Afogar as mágoas nos destilados. Misturo

as bebidas, e isso, provavelmente, acaba numa ressaca brava.

– Como toda revolução tem um aprendizado, quero compartilhar o de hoje com vocês – digo, erguendo a taça e propondo outro brinde. Eu já estava animada. – Primeiro: nunca faça surpresa de verdade, você pode se deparar com algo indesejável. Segundo: não use calcinhas comestíveis, causam má sorte.

– Ora, ora, ora! Você vestiu calcinha comestível? – zomba Paola.

– Isso! E agora vou ter que comê-la sozinha – afirmo com um sorriso aberto. – Terceiro: revistas femininas enganam! Quarto: *personal trainer* nunca mais! Quinto: como diria um botânico, o chifre não precisa de adubo. Ele por si só germina e aviva!

– Ai, meu Deus! – exclama Paola, sorrindo.

– July, vamos pensar que ele não era muita coisa – menciona Alice.

– É! Ele não era muita coisa: feio, sem muito potencial, sem graça...

– Ele nem era tão, tão... Se bem que ele era tão, tão...

– Melhor não pensar, July... – esclarece Alice.

Bebemos. Sorrimos. Dançamos. Depois de toda a diversão e muita bebida, bato a porta do meu apartamento e não deixo de sentir um vazio. Que desilusão!

Capítulo 2

Ser solteira é como ser lançada de um foguete para outro planeta, ninguém quer. Você se transforma em um *alien*.

Olho meu reflexo no espelho. Minha tez branca e ainda firme, mas tenho que aceitar que a gravidade não me trata mais da mesma maneira, e que minha pele já não é mais aquela seda. Coisas que não me incomodavam, começam a incomodar. Olho ao meu redor, muitas conhecidas casadas. Quando a primeira casa, pensamos – tudo bem, é só a primeira. Depois começamos a reparar na linha de sucessão dos casais amigos e soa um alerta, já que não temos ninguém para, ao menos, plantar uma sementinha.

Uma solteirona se torna um indivíduo digno de compaixão. Vira um ser crucificado. Os amigos olham e perguntam: “July, cadê aquele namorado?”, só que “aquele” namorado já era há séculos, junto com o Drácula.

Ninguém imagina se é por opção, e se preferimos estar sozinhas, acompanhadas de nós mesmas. O fato é que sempre tratei o tema “casar” como algo pouco provável na minha vida. Sempre me dediquei aos estudos e à profissão. Relacionamento era segundo plano. Agora que sou bem-sucedida, independente, quero complemento.

Excluindo as últimas experiências: *personal trainer* traidor, pai de santo, que queria me benzer todos os dias com vinagre e sal, e médico veterinário, que sussurrava onomatopeias, ainda tenho alguma chance.

Não acredito em revistas e amores à primeira vista. Sou incrédula quando o assunto é par perfeito. Entretanto,

como a maioria, tento apelar para todos os santos. Tenho uma avó fofucha, chamada Amélia, que insiste em lembrar que, no tempo dela, quem não se casasse aos vinte anos, não casava mais. Portanto, para todas as netas, ela costuma distribuir o Santo Antônio. Só para mim, ela já deu três. Uma prima deixa o pobre santo de cabeça pra baixo, e, outra, congelou-o no freezer; tadinho. Está lá até hoje, sem data para se libertar.

Certo dia, sonhei que estava com uma ideia fixa de me transformar em um carro, uma espécie de fusão de metal com carne. Loucura! Durante o sonho, eu estava fixada em velocidade e potência, ser um carro me transformaria em objeto de desejo ardente e um alvo de afetos intensos para os homens. Acho que consegui me transformar numa Ferrari, mas baleada... até no sonho a celulite me acompanha.

Preciso de Rivotril!

Minha família diz que somos como um computador, estamos programados para ser alguém, fazer determinada coisa ou conduzir a vida de forma modelada. Lembro-me de Túlio, meu padrasto, quando cheguei à adolescência, dizendo:

– Filha – (pausa com a tez franzida) – namorar... somente após os dezoito anos! Homens atrasariam sua vida... Mulher tem que ser independente!

Fui programada para ter uma vida segura, portanto, deixei a parte amorosa em *stand by*. Minha adolescência passou, restou um intelecto aprimorado e muita responsabilidade. Programei-me para trabalhar com a língua portuguesa. Tornei-me uma profissional reconhecida. Nunca dei importância para os namorados de passagem. Certa vez, um me disse: “July, você é fria e

calculista!”. Confesso que me senti uma Cruela Devil! De certa forma, eu quis ser assim. Mas, hoje, percebo que, para Túlio, homem atrasa a vida aos dezoito anos; mas a falta dele também atrasa a vida aos 35 anos. E a prole?

Consegui um lugar ao céu, porém me sinto solitária e com um sentimento de que estou incompleta. Penso se meu computador não foi programado de forma diferente... Mas, e se? “Se” é uma conjunção subordinativa condicional que virou uma espécie de vírus. Quem já não, assim como Álvarez de Azevedo, fez a pergunta “Se eu morresse amanhã”, ou ainda “E se eu tivesse sido menos egoísta”.

Não consigo parar de me atormentar com os “se” da vida. Em vez de me apegar às coisas que fiz e deram certo, me apego à ladainha da vida comum. Estou cercada por alternativas, pelo que poderia ter feito. Pensamentos, assim, são como uma espécie de ácido corrosivo.

Passado é passado e, para a salubridade de todos, precisa ser esquecido. O tempo não volta. Ele é açucarado na boa infância, mas às vezes é cruel quando nos tornamos adultos. Fiz minhas escolhas, bem ou mal, elas foram feitas. Agora as insatisfações pessoais me forçam a resgatar o motivo delas.

Desde nova, ser escritora tornou-se meu objetivo! Minha mãe achou improvável, e não teve dúvidas de que eu tinha um parafuso a menos; colocou-me na terapia. Meu padrasto abominou a ideia, já que para ele só existiam duas profissões: engenharia e medicina. Nunca concordavam com o que eu desejava, ou fazia, na época. Sempre fui tolhida desde a raiz. O troféu de culpa de tanto descompasso e insatisfação geral começou desde o dia em que fui concebida.

Tudo começou há muitos e muitos anos, no carnaval

de 1981. Minha mãe, Esther Barocci, vivia no interior de Minas Gerais, numa cidadezinha chamada Nepomuceno. Pequena cidade no sul de Minas, com menos de 50 mil habitantes, conhecida por ter muitos fazendeiros e lavouras de café.

Nepomuceno tem inverno álgido, com um vento gelado, às vezes, de ferir a pele. Lembro-me de minha mãe, que, para afastar o frio intenso, esquentava minha cama com ferro de passar, para deixá-la quentinha.

A família Barocci era tradicional e povoava boa parte dos metros quadrados da cidade. Os Barocci patrocinavam festas e quermesses na microrregião, as quais eram frequentadas também por pessoas de algumas cidades vizinhas.

Vovô César e vó Amélia formavam um casal popular. A história dos dois rodeia os anos 1940, quando um carroceiro trabalhador foi prometido a uma jovem donzela, que almejava, já naquela época, ser caixa das Casas Pernambucanas. Antigamente, as mulheres não tinham escolha. Eram, literalmente, escolhidas e obrigadas a seguir o destino que os pais impusessem.

Numa linda manhã de outono, ambos se conheceram no altar e fizeram seus votos eternos. Vovô César era um homem alto, os cabelos curtos e ondulados, um bigodinho estilo mexicano, possuía um olhar calmo e conquistador; e Dona Amélia era uma mulher de estatura mediana, o corpo avolumado e pele morena.

Vovô tinha o dom para os negócios, conhecido por ser bom negociante, pois falavam que ele era capaz de “vender até geladeira para esquimó”. Já vovó era uma visionária, possuía a arte de cozinhar. Eles eram animados, e a casa sempre estava cheia. Ele convidava até o papagaio do

vizinho para festejar coisas simples da vida, bastava acordar vivo e respirando. Tiveram dois filhos, João, e minha mãe, Esther. João, o caçula, morreu prematuro e tragicamente, aos três anos, afogado na represa da fazenda. Tinha um fascínio por peixes e, um dia, foi pescar sozinho. Desequilíbrio-se e caiu na água turva da represa. Demoraram a resgatar o pobre garoto. Toda a cidade se sensibilizou com a família. Minha mãe até hoje tem pesadelos com o irmão, pois à época ela tinha apenas cinco anos.

Esther Barocci tornou-se uma menina linda, o nariz arrebitado, cabelos ondulados, olhos e pele claros. Admirava a dança e desejava ser médica. Ela sempre foi determinada, possuía uma alegria de viver invejável, apesar da indigesta cobrança dos seus pais para que ela seguisse com os negócios da família.



Meus avós sempre gostaram de frequentar clubes no carnaval e passar a semana festejando, ouvindo as conhecidas marchinhas. O carnaval no Brasil tornou-se uma festa comemorativa que atinge os quatro cantos do país. Algumas capitais se sobressaem nessa época. Em Salvador, tem os famosos trios elétricos; no Recife, um enorme – muito grande mesmo – bloco de carnaval, que sai às ruas para animar milhares de pessoas; e, ainda, em Olinda, há os famosos e gigantescos bonecos que desfilam pelas ladeiras. Além do Rio de Janeiro, que é conhecido pelos desfiles de escolas de samba e pelas mulatas de samba no pé.

Eles levaram minha mãe para conhecer o carnaval do Rio. Ao chegar à capital, ela foi direto ao mar jogar flores para Iemanjá, pois sempre simpatizou com o ritual da rainha do mar.

Costumava assistir pela televisão à toda a cerimônia de fevereiro, que em Salvador e no próprio Rio de Janeiro é, ainda, bem intensa. A celebração tem o tradicional “banho de pipoca” e as sete ondas, em que os fiéis, inclusive seguidores de outras religiões, saltam para pedir sorte a Orixá.

Esther caminhou até a praia e deixou a oferenda, concentrada. O vento estava forte, as ondas movimentavam-se em sua forma, transportando energia. Deu um salto, fechou as pálpebras e desejou que a terra parasse de rodar. Subitamente, veio ao seu encontro uma onda forte que levou a parte de cima do seu biquíni, sem pedir licença. Ela enrubesceu, instantaneamente, olhou ao redor, prendeu a respiração e desesperou-se tampando os seios desnudos com os braços e mãos. Empreendeu fuga daquele mar nervoso que a deixou embaraçada e estrategicamente exposta. Esther ficou sem rumo, sozinha, e só avistava o morro do Pão de Açúcar e a imensidão do mar à frente.

Perdida, não sabia se corria, se gritava ou até mesmo se implorava por uma abdução imediata. Mamãe conta que logo em seguida surgiu um rapaz com uma envergadura proeminente, tez séria, loiro, cabelos molhados e olhos cintilantes, que estendeu para ela uma camiseta branca, onde estava escrito em letra cursiva “Let it be” com uma foto dos instrumentos dos Beatles ao fundo de coloração envelhecida. Ela grudou naquela camiseta como quem agarra a tábua da salvação. Ficou muda e assentiu com a

cabeça o favor prestado. Os dois tentaram manter um diálogo, mas o rapaz, chamado Romeu, não falava português, e minha mãe tampouco o inglês. Eles ficaram num papo de “mim Tarzan e tu Jane”. Munida da camiseta e muito constrangida, quando minha mãe se deu conta, já estava do outro lado da Avenida Atlântica. Ela correu tão rápido quanto suas pernas deixaram. Voltou para o hotel em que estava hospedada. Entrou no banheiro, tirou a camiseta e guardou em suas coisas. A peça de roupa estava com um perfume intenso. O rosto de Romeu estava impregnado na sua memória. Ela sentiu um aperto no coração em pensar que não o encontraria mais.

Nos dias seguintes, Esther voltou ao mesmo local da praia de Copacabana, mas Romeu não estava lá. Levou a camiseta com o pretexto de devolvê-la.

No sábado de carnaval, todos se dirigiram à Sapucaí para esperar o início da apresentação das escolas de Samba. Esther iria desfilar em uma das alas do Salgueiro.

A bateria anunciou a escola, e o intérprete iniciou o samba com a voz que tomou conta da Sapucaí. Esther fazia parte de uma das primeiras alas. Ela cantou, sambou, e em certo momento do desfile um rapaz pegou a sua mão; ao olhar para o lado, um rosto familiar. Era Romeu. Os dois se olhavam estarecidos. Seguiram até o final do desfile sorrindo, como em propaganda de pasta de dente, cantando e sambando cada um do seu jeito. Os estrangeiros possuem um jeito diferente de dançar.

Esther e Romeu saíram correndo no meio da multidão, como dois adolescentes apaixonados, dirigiram-se próximos às barraquinhas de alimentação. Ficaram por horas ali. Várias tentativas e erros de transformar monólogo em diálogo. Com muita dificuldade, Romeu

explicou que era inglês e que era a primeira vez que vinha ao Brasil. Esther contou que era de Minas, de uma pequena cidade no sul, mas ambos falavam quase nada e, na maioria das vezes, a tentativa de conversa acabava em sorrisos. Marcaram de se encontrar na praia, no pôr do sol, no mesmo local em que se conheceram. Despediram-se, e Esther foi ao encontro de seus pais na arquibancada. Ela estava euforicamente hipnotizada.

Tudo parecia um sonho! Esther acreditava que Iemanjá tivesse lhe enviado Romeu, e que de alguma forma os deuses estavam conspirando a favor. Qual era a probabilidade de encontrar, novamente, um completo desconhecido, ao seu lado, desfilando na mesma ala do Salgueiro? Zero!

Deveria existir um motivo para tudo aquilo. Esther manteve a rotina com seus pais, para que eles não desconfiassem. Um movimento em falso e vovô César a prenderia dentro do apartamento do hotel até o dia de sua viagem de volta.

Esther foi ao encontro de Romeu. Os dois correram, alegremente, um para o outro e se abraçaram. Andaram de mãos dadas até o Forte de Copacabana para assistir ao espetáculo que era o pôr do sol visto dali. Tudo parecia mágico! Romeu tinha uma voz hipnotizadora, começou a cantarolar no ouvido de Esther a música “Let it be”.

A brisa estava serena, anoiteceu rápido e as pessoas dispersaram-se. Parecia uma praia deserta, sem civilização, apenas ao lado havia uma pequena área com vegetação simples. O corpo de Esther estremeceu, com um calafrio que subia pela sua espinha dorsal. Uma sensação de prazer e medo. Um súbito de amor intenso tomou conta de ambos. A respiração ficou forte. Aos poucos, os corpos se

aproximaram, os olhos se fecharam e, vagarosamente, os lábios se tocaram de forma imatura e enamorada, reconhecendo lentamente e se amando pela primeira vez...

Era tarde quando Esther adentrou o apartamento do hotel, seus pais a esperavam transtornados, quase catatônicos. Ela os olhou com uma cara de paisagem, bochechas enrubescidas, corpo à milanesa... Demonstrou claramente estar em outro nível planetário. Saiu da frente dos pais, pois não conseguia falar muita coisa. Mas eles cobraram respostas. Esther não podia contar nada, já que ocorreria um desequilíbrio mental enorme na cabeça deles. Naquele instante, vovô César percebeu que havia acontecido alguma coisa naquele fim de tarde e, logo, pela manhã, colocou Esther no carro, para voltarem para Minas. Ela entrou em pânico ao passar em frente ao local onde haviam tratado de encontrar, pois sabia que nunca mais teria notícias de seu Romeu. A angústia tomou conta do caminho de volta, os músculos tensos, os olhos avermelhados e a raiva estampada no rosto. Mas, naquele momento, Esther decidiu se calar e esperar...

Meses após o carnaval, mamãe descobriu que estava grávida de mim. Meus avós queriam que ela abortasse. Passou por uma fase difícil em razão da desaprovação geral. A rejeição familiar na época foi tão grande que, de acordo com os psicólogos, fiquei com minha “psique” abalada. Será essa toda a razão da minha instabilidade emocional? Ela nunca soube o paradeiro do meu pai, e se casou anos depois com meu atual padrasto, Túlio.

Sou a filha do carnaval, e prefiro ser chamada de July. Tenho um irmão de dez anos, Arturzinho, um pentelho, e Túlio, que aprendi a amar como pai. Todavia, gostaria de

conhecer meu pai biológico. Buscar minha identidade genética e psicológica.

Minha vida seguiu o curso. Tornei-me um pouco fria, fiz minhas escolhas. Sempre consegui deletar com facilidade o reprovável. Mas, e agora? O botão delete não está funcionando.

Envelhecer é medonho. Estar sozinha é desesperador. Meu útero quer atenção. As rugas estão fazendo “toc-toc”. Não consigo me enganar. Definitivamente, não quero me tornar aquelas velhinhas cuja vida se resume a alimentar o gatinho.

Capítulo 3

Dor de cabeça, ressaca, sono. É o resultado de uma noite com muita bebida, pouco descanso e, de brinde, um par de chifres.

Desde criança, tenho dificuldade para acordar cedo. Rolo, viro, abro e fecho minhas pálpebras inchadas dez vezes até descobrir que o galo cantou e é hora de levantar. Acostumei com *status de feto*, já que, naqueles nove meses de gestação, só dormimos, rolamos e comemos. Todos os dias, eu acordava às seis horas para ir ao trabalho, com a ajuda da “função soneca” de cinco em cinco minutos.

Durante a faculdade de publicidade e propaganda, estagiei na Editora Insert, renomada no Brasil. Assim que me formei, fui contratada para ser da equipe responsável pela revista feminina que mais crescia no país, a *MagicWomen*. Fiquei responsável pelas crônicas.

Lembro-me do primeiro dia que adentrei o prédio com arquitetura imponente. É o edifício mais alto da região. Está localizado em frente à pequena e charmosa Praça dos Omoguás, em Pinheiros, um dos bairros de São Paulo. É um verdadeiro arranha-céu, com a fachada toda em granito e vidro espelhado.

Fui recebida por Marcos Rozetti, proprietário e diretor da empresa. Sr. Marcos é magro, vistoso, dono de uma cabeleira grisalha e, quando caminha, é dono de um porte empertigado de militar. Recordo-me até hoje de seu rosto seco, avisando-me que eu estava contratada como estagiária, porém mais parecia que estava me condenando à cadeira elétrica.

Ser cronista da revista *MagicWomen* rendeu-me entrevistas e algumas aparições públicas. Sinto-me realizada por trabalhar aqui, ainda mais que duas das minhas colegas de trabalho são BFF. Alice foi contratada na mesma época que eu, e Paola somente após a formatura.



A editora transformou-se na minha segunda casa. É lá que passo a maior parte do tempo, felizmente. Pois as palavras me fornecem o amor, a esperança e me ajudam a aniquilar dores indesejadas e adquiridas em noites como a de ontem. Escrever traz cor para minha vida preta e branca, totalmente sem graça. Traz a paz que não encontro na vida real.

– Bom dia! – cumprimenta Alice. – Vocês estão sabendo? – pergunta aos sussurros, apesar de nossas mesas serem próximas, não são permitidas conversas paralelas.

– Nãoooo! – Paola e eu respondemos quase que instantaneamente.

– Hoje será apresentado na empresa o novo editor-chefe. Chama-se Daniel Rozetti, sobrinho do Sr. Marcos.

– E a Ana Maria? – pergunto curiosa.

– Ela ainda será a coordenadora da revista *MagicWomen* – finaliza Alice.

– Que tal conversarmos no chat? É mais discreto. Vamos receber advertência! – balbucio, olhando disfarçadamente para os lados.

Julyana: Haverá mudanças na empresa???

Alice: Mudança apenas de direção. Sr. Marcos irá passar o cargo de editor-chefe para o sobrinho, e dizem que ele é um deus grego!

Paola: Conta sua fonte, Alice. Está sabendo demais.

Alice: Dona Flora, a senhora do cafezinho.

Julyana: Não deve ser bonito. Deve ser um cinquentão cansado! Dona Flora, coitada... viúva, é outra cansada. Kkkk.

Paola: Quanto pessimismo! Kkkk.

Alice: A fofoca que corre pelos corredores é que ele é recém-divorciado, tem um filho e não quer mais se casar. Criou certa aversão à instituição, segue o pensamento de “Cama na varanda”, adepto de relacionamentos alternativos. Bonito, mas ordinário.

Paola: Ha-ha-ha

Julyana: Não estou botando fé no gosto da Dona Flora. Precisamos trabalhar, podemos ganhar um puxão de orelhas. Você sabe que é tudo vigiado.

Alice: Relaxa! Você é Caxias demais!

Paola: Nossa noitada foi ótima! Mas voltamos muito cedo pra casa.

Julyana: Dormi tão mal. Não gostava tanto do PC, mas pegar o namorado na ação com outra. Deprimente!

Alice: Larga disso, já era. Não desespera não, amiga. Pois é no desespero que fazemos bobagens sem volta.

Julyana: Estou pensando seriamente em fazer uma bobagem sem volta.

Alice: Pago para ver essa bobagem! Kkkkk.

Paola: Gente, eu tenho uma bomba para vocês.

Julyana: Outra? Já basta a minha. Só falta você falar que terminou seu namoro centenário com o Rômulo.

Paola: Hã, hã...

Alice: Como assim?

Julyana: Hã? Você terminou com ele mesmo?

Alice: Aquele playboyzinho de meia tigela.

Paola: Gente, foi pior do que vocês pensam. Tudo muito sofrido. Depois do bar voltei para casa e recebi um telefonema de uma mulher, muito estranho. Daí resolvi pedir para o Rômulo ir lá para casa, e menti que estava passando mal porque tinha bebido demais.

Alice: Estou ficando tensa...

Julyana: Minhas axilas estão suadas.

Paola: Vocês se lembram daquelas manchas do Rômulo que eu estava preocupada?

Julyana: Lembro, sim.

Alice: As manchas escuras na pele?

Paola: Isso! Rômulo sempre teve uma vida social intensa, né, gente! Há algum tempo, ele surgiu com umas manchas estranhas... Mas sempre achei que por viajar muito para lugares diversos, comer coisas diferentes... podia ser alergia, ou até mesmo uma giardíase... Assim, uma semana atrás, ele apareceu em casa com manchas roxas no pescoço e no abdômen. Eu indaguei a respeito de todas aquelas manchas, e ele nada falou.

Alice: Hum...

Paola: No final do dia, apareceu com mais manchas nos braços, com a conversa que ia ter que ir ao médico para

olhar aqueles hematomas, pois achava que estava sofrendo de alguma enfermidade grave e que, dependendo, poderia levá-lo a óbito.

Julyana: E aí?

Paola: Fiquei preocupada, e logo providenciei um médico. O melhor hematologista!

Alice: Vai para o fim!

Paola: Ai, ai, ai... Ontem uma mulher me ligou querendo tirar satisfações sobre os hematomas do Rômulo... e aí descobri que ele tinha mais quatro namoradas, além de mim.

Julyana: Mentira?

Paola: E o pior é que as manchas eram geradas por belos chupões. Um loroteiro, ele mesmo marcou os braços para parecer mais convincente. Não deu outra, foi o fim... Ontem à noite terminei o namoro, definitivamente.

Alice: Que canalha!

Julyana: Que cara de pau! E você terminou o namoro de porre?

Paola: Sim, dá para acreditar? Se não fosse o porre, talvez eu morresse de apoplexia.

Julyana: Mas é dramática! Kkkk.

Paola: Quando as lágrimas brotaram nos meus olhos, eu pisquei e consegui impedir que elas escorressem. No meu estado normal, acho que só choraria. E eu que achei que fosse casar neste ano.

Alice: Chocada! Putz! Mas como você está?

Paola: Ontem, bem! Hoje, péssima! É a minha vez de querer pular do prédio. Kkkkk...

Julyana: Nem fale isso, que eu acredito. Vamos sair hoje de novo para levantar o astral.

Alice: Duas querendo pular do prédio? Talvez fosse melhor levantarmos o astral numa clínica psiquiátrica. Kkkkk.

Julyana: Kkkkk.

Paola: Foi fogo!!!

Alice: Então, hoje tem StarPub. Hoje vamos cantar no Karaokê!

Julyana: Paola vai para Pipa com a gente no carnaval! Três solteironas, mas sem um bebê. Kkkkk.

Paola: Não estamos com sorte com esses homens.

Alice: Tirem-me dessa. Minha testa está livre!

Paola: Sempre nos achamos livres...

Julyana: Vamos trabalhar.

Alice: logoff.

Paola: logoff.

Julyana: logoff.

A revista *MagicWomen* possui um jornalismo especializado que atende um público amplo. Eu sou responsável pela crônica editada na última página da revista. Tenho “certa” liberdade para escrever dentro dos padrões que a revista propõe e, claro, após análise e aceitação da coordenadora.

Alice e Paola trabalham nos artigos, juntamente com outros analistas. É uma revista em ascensão com um formato visual moderno e que divulga, além das informações veneradas pelo público feminino, hábitos e culturas curiosas.

Às vezes a vida é irônica. Tomei ojeriza por matérias de revistas femininas que nos ensinam como devemos agir ou não com os homens. No entanto, a *MagicWomen* é uma revista que trabalha com esses artigos... Ok! Mas mantém meu sustento e minha adorada carreira.

Nosso departamento fica no 12o andar, e a sala de conferência, onde realizamos quase todas as reuniões, fica no 13o. Ocupamos o andar inteiro com várias baias que, além dos analistas, abrigam os diagramadores e designers. O ambiente é claro, a sala dos coordenadores e do editor-chefe alterna o vidro e a madeira para manter certa transparência no local. A única sala isolada é a do Sr. Marcos Rozetti, no 13o andar, que possui entrada privativa.

Dona Flora, a copeira, é uma viúva sexagenária, morena, que possui um caminhar capenga e lento. Todo dia traz deliciosos bolinhos de chuva, para alegrar nosso café da manhã na copa.

– Dona Flora, a senhora tem certeza? O editor-chefe será apresentado hoje? – pergunta Paola curiosa e com a boca melada de açúcar e canela.

– Sim! O Sr. Marcos já passou aqui e mandou preparar café para vinte pessoas. Eita! O homem é lindo! Eu já vi! – fala Dona Flora, entusiasmada e confirmando a informação de Alice. – Ele já está na editora.

– Aqui? – pergunto surpresa.

– Na sala de conferência com o Sr. Marcos – responde Dona Flora, que demonstra empolgação em fornecer as notícias quentinhas.

– Mas Ana tem que se manter na coordenação da revista. Ela é tão inteligente e perspicaz. A revista está tão bem. Não podem colocar um homem para direcionar artigos para o público feminino – defendo Ana.

– Ela é realmente ótima no que faz. Ajuda a desenvolver ideias e sabe direcionar cada matéria – lembra Paola.

– Eles não são bobos! – comenta Alice.

– Não concordo com esses cargos de parentesco. É sobrinho, e daí? E se não for bom? Derrubará a revista! – Começo a sentir náuseas de raiva de quem ainda nem tinha visto. – Ele deve ser um folgado que nem sabe como é o processo de editoração de um periódico.

– Olha o mau humor! Concentre-se, desacelere e alongue-se – fala Paola.

– Isso são os chifres! – balbucia Alice, dando risadas. – Você está muito explosiva...

– Já eu não vou estragar um dia por aquele babaca do Rômulo – enfatiza Paola. – Vou colocar outro no lugar e rapidinho! Pipa será a minha salvação.

– A minha também! – concorda Alice.

– Eu vou voltar para minha mesa. Tchau, garotas! – rosno com a cara séria e olhar revoltado que eu nem sabia por quê.

Retorno a minha mesa e continuo a desenvolver minha crônica “Mochilão”, que narra sobre uma moça que perdeu toda a família em um acidente, resolveu largar tudo e ir viajar pela Europa, sozinha, apenas com uma mochila.

Por que me sinto tão angustiada e sufocada? Paola acaba um namoro de uma vida, drasticamente, e parece estar melhor do que eu. Meu namoro nem era tão promissor, tão prematuro, o início do fim. Não gosto nem de lembrar.

Todos do 12o andar foram convocados para conhecer o novo editor-chefe. A sala de conferência era retangular e ampla, com uma mesa bem grande, maior do que a da

Santa Ceia. Sentamos com os olhares curiosos. Eles estavam fazendo um suspense para essa apresentação. Era como se o Sr. Marcos Rozetti fosse delatar a identidade do Super-Homem ou algo parecido.

– Nossa! Que demora.

– July, hoje faço questão de embebedá-la. Você está precisando de bebida e... – Alice solta risadinhas maliciosas fazendo gestos com as mãos.

– Xiiiiii – Paola nos silencia.

– Bom dia a todos! – Marcos Rozetti adentra o recinto sério. Está vestindo um terno preto e gravata listrada com duas tonalidades de azul. Sempre com aquela cabeleira grisalha, mas que, agora, demonstra entradas tendenciosas à calvície. – Não vou me alongar. Gostaria de agradecer a presença de todos e dizer que estamos satisfeitos com o trabalho e o esforço de cada um. A Editora Insert está em uma fase de grandes projetos. A revista *MagicWomen*, último lançamento, é uma das mais lidas do país. E agora, para compor nossa equipe e ajudar a sedimentar e criar novas perspectivas, terá como editor-chefe Daniel Rozetti.

Por que tantas apresentações? Uma pessoa comum que não seja sobrinho de ninguém não seria apresentada com tanto “mimimi”. Revirei os olhos de preguiça e, quando olhei para a frente, ele estava lá, o desconhecido com os olhos do ganso das Ilhas Galápagos.

– Gente, é ele!

– Shhh!

Era ele! Novamente ele! Em pé, em posição de ataque, perigosamente lindo com uma simetria facial absurda. Um rosto aristocrático, olhos sedutores, pele dourada, cabelos bem pretos e, novamente, olhos... cativantes. Um moreno perigoso!

– Bom dia, colegas da Editora Insert! Quero agradecer a atenção de todos... – a voz dele some.

Fico absorta no vulto daquele homem. Que coincidência! Aquela figura que me viu de coelhinha da *Playboy* no elevador está aqui na minha frente. Um filme passa pela minha cabeça. O vexame de andar vestida de coelha. Jesus Cristo! Estou perdida, agora ele é meu chefe!

– Estou feliz por integrar a equipe e, desde já, afirmo que estou aberto a sugestões...

Sinto o chão se abrir, quero me jogar no buraco. Toda a aflição daquele dia retorna para meu corpo. Meus olhos ficam paralisados e sem lubrificação. Começo a morder meu lábio inferior de agonia. Preciso desaparecer daqui antes que ele me veja. Coloco uma pasta na cara e encosto minha espinha na cadeira de forma que Alice tampe um pouco a minha face.

Ele está com um terno escuro e uma gravata cinza chumbo. Fabuloso! Os cabelos bem cortados com uma franja um pouco maior, que necessita do auxílio de suas mãos para serem jogadas para trás com um movimento charmoso, soando como um *splash*. Há uma pequena marca em sua bochecha, como uma pinta de nascimento, e que ajuda a modelar seu sorriso maravilhoso. Nariz afilado, sobrancelhas expressivas, lábios inferiores mais grossos; há algo de selvagem nas suas feições. Provavelmente, até o esqueleto é bonito!

Ele fala com desenvoltura, gesticulando de maneira lógica. Uma oratória aprimorada.

– Bom trabalho! Qualquer coisa, estou à disposição na minha sala, no 12o andar – finaliza Daniel.

Perdi todo o discurso viajando na batatinha, qualquer coisa que ele falasse ali na frente, até uma receita de torta

de jiló, “irc”, eu iria balançar a cabeça como um calango.

– Sua linguaruda! Ele ficará naquela sala, no nosso andar. Teremos a visão desse monumento todos os dias – murmura Alice, enquanto todos batem palmas.

Nesse exato momento me dá um desespero para sair da sala. Ir para longe do editor-chefe. Todos caminham lentamente; alguns param para parabenizá-lo pessoalmente. Bando de puxa-saco!

– Paola e Alice, venham cá! Vamos rápido para o banheiro.

– Gente, é ele, o Daniel! O cara do elevador! – digo eufórica.

Quando ouvimos a descarga, meu sangue ferveu. Uma mulher alta sai do banheiro. Parecia aquelas modelos de Milão, alta, loira, com os olhos enormes e bem marcados, os cabelos de propaganda de xampu; olha-me secamente e sai.

– Deve ser conhecida ou namorada do Daniel! Estou lascada – declaro. – Agora ele não terá dúvidas, achará que tenho vida dupla! Estou com os hormônios completamente desequilibrados.

– July, não exagera. Tudo vai ficar bem! – Alice tenta me acalmar.

– Vocês pararam para pensar nas minhas últimas 24 horas? Eu quis enfiar a cabeça no forno, pular do prédio e cair no buraco. Minha vida está uma droga. – Paro para respirar. – E, agora, só me falta perder o emprego. Ela vai fofocar a respeito de nossas conversas aqui e, quando ele me vir, vai perceber que era aquela moça do elevador. Estou perdida!

– Tenha calma, July! Semana que vem iremos para Pipa. Teremos novas possibilidades. Ar novo... tudo vai se

ajeitar. – Paola tenta me acalmar, mas só sinto um zunido de tensão no cérebro.

Elas percebem que eu não estou bem. Estou perdida, consumida por pensamentos igualmente perdidos que me levam para um lugar bem perdido, igual à Ilha de *Lost*. Minha cabeça dói!

Procuro conversar sobre coisas diferentes. Mas está difícil. Voltamos do almoço para finalizar com a crônica e os artigos da edição de março. No meu trabalho, eu conseguia deixar de lado minha crise existencial. O que está acontecendo comigo? Para onde vou? Quem sou?

É fim de tarde. Começo a me apressar para o *happy hour*. Percebo que a sala de Daniel está com a luz acesa. Eu não quero ser vista, não quero ser reconhecida tão cedo. É melhor ficar como está e esperar para ver se a loira aguada contará alguma coisa.

Vamos para o bar após o trabalho. Estou com uma saia reta de cintura alta, ajustada às curvas do meu quadril, com uma camisa branca casual. Retoco meu gloss, passo blush e rímel para tentar levantar a animação e passar um ar de “tô na pista”.

– Sinto vibrações positivas. Este lugar, no mínimo, me proporcionará boas risadas – falo, tentando me convencer de que eu estava pronta para a noite.

– *Vou deixar a vida me levar para onde ela quiser...* – Paola cantarola Skank. Apesar do fim do seu noivado longo, ela está mantendo a altivez. O falecido era de uma espécie de anta *idiotus*.

– *Pra onde ela quiser...* – continua Alice.

– *Seguir a direção de uma estrela qualquer...*

Em coro, cantamos no meio da rua, parecendo *As Panteras*, detonando:

– *Não quero hora pra voltar, não; Conheço bem a solidão, me solta; E deixa a sorte me buscar...*

Depois da crise nervosa, estávamos novamente alegres. Uma quase bipolaridade não diagnosticada. Rindo muito alto. Tagarelando à toa, com movimentos acrobáticos.

Paola sempre elegante com um *shift dress* lilás, meia-calça e sua bela franja de lado. Alice está com uma calça social e uma blusa de renda, muitos acessórios.

Sentamos encostadas numa parede, longe da cozinha, para ter uma visão panorâmica do lugar.

– Meninas, vejam o cardápio de bebida. Tem pesquisas que indicam que a bebida que a mulher escolhe entrega sua essência – salienta Alice.

– Suco de laranja é para mulheres básicas, que não querem nem gastar tempo pensando no que beber... A sua cara, né, July? – provoca Paola.

– Poxa! Gosto de suco de laranja. Qual é o problema?

– Para mim, a cerveja é a preferência da maioria das mulheres descoladas. Abrir uma garrafa sozinha com a mão ou com os dentes e ainda beber no bico. São as bem-resolvidas que não estão nem aí para os outros.

Alice está empolgada e determinada a aproveitar a noite.

– Abrir com os dentes? Na nossa idade? Você quer dizer ficar sem dentes, né?! – debocha Paola.

– Lá vem a Paola nos deixando desdentadas... – Riu Alice.

– Vamos ficar no charme e na elegância. Somos modernas e independentes. Vamos de tequila! Mulheres comprometidas com a vida! – falo, soltando gargalhadas.

O garçom logo trouxe shots de tequila e, no terceiro, viramos sem pensar!

– Tim-tim!

– *Salute!*

– *Cheers!*

Este é o ambiente certo para uma boa diversão, sem aquele barulho ensurdecedor das boates. O StarPub tem uma luz baixa. Da porta de entrada, já é possível visualizar o palco do Karaokê, e as mesas estão dispersas, sem sincronia, pelo lugar.

Acho que estou ficando madura mesmo! Olho à minha volta e me sinto completamente *lost*. Estou insatisfeita, farejando uma felicidade que nem eu sei bem o que é. Desde Lucas, meu namorado do colegial, sinto-me solteira. Só encontro homens esquisitos e com uma plaquinha “no momento estou indisponível”. Durante esses anos, conheci todos os tipos. Aqueles que largam sua mão quando encontram com algum conhecido – dá vontade de dar uma voadora no pescoço – ou aqueles que falam “ela é uma amiga”. Como assim? Amiga que beija e se esfrega? Depois de várias tentativas frustradas, acaba aparecendo um mais jovem, que aparentemente engana, mas ele te deixa em casa e vai encontrar com outra. Cobramos respostas, simplesmente fala: “Gosto de você, mas não quero namorar”. E aquele que te trai sem se preocupar... Argh! Qual é o problema dessas criaturas? A verdade é que eles não querem compromisso. Ligam o envolvimento emocional ao aprisionamento. Temem o fim da juventude ou ser devorados como um louva-a-deus macho. Também desconfiam que as mulheres sejam tipo vodu, que vão colocar agulhas no diafragma para engravidar.

A verdade é que, com o passar dos anos, nos tornamos mais espertas, o envelhecimento nos dá uma formação de coach em relacionamento. Ficamos mais criteriosas. Só de

olhar para um homem sabemos a chance de ser um babaca. Mulheres beirando os quarenta anos falam diretamente: “Eu quero casar, ter filhos e constituir família, e você?”. É assustador, mas não tem enrolação.

– Quais são minhas chances de continuar na editora se o editor-chefe achar que pratico um “desvio de função”?

– July, não vai acontecer. Esquece. Não vai dar em nada – articula Paola.

– E outra: ele não vai te reconhecer. Você estava fantasiada, praticamente pelada – retruca Alice.

Não aguentamos, soltamos gargalhadas juntas só de pensar na fantasia.

– Deve ter olhado só para o seu pompom cintilante. – Rimos muito, mas nesse caso nada melhor do que o ditado: “pimenta nos olhos dos outros é refresco”.

– De tão trágico é engraçado! – concordei.

– E como ele é lindo! Dona Flora estava certa! – lembra Paola.

– Bem que ela disse. E a July achando que fosse um tio qualquer. Eu queria um “tio” daquele – debocha Alice.

– Olhos do ganso, cinza-azulado! – falo quase nostálgica.

– Pirou? Ganso? – zomba Paola.

– O ganso patola de patas azuis das Ilhas Galápagos que quanto mais azuis são as patas, mais atraentes são para as fêmeas.

– Hum... Olha a July, pensando em acasalar com o editor-chefe. Os olhos dele já atraíram uma fêmea! – brinca Alice.

– Devem atrair várias fêmeas por metro quadrado – digo, mas recordando que ali não haveria chance. – Admito, ele é fofo!

– Fofa igual um bebê foca, ou fofa, tipo, que dá vontade de amarrar na cama? – pergunta-me Paola, tirando onda.

– Com certeza, a segunda opção – respondo sem titubear. – De amarrar na cama e jogar o cadeado fora.

– Ui! – geme Paola.

Em seguida, Alice se levanta da mesa e inicia o processo da linguagem corporal para atrair um homem disposto e hétero. Ela é direta, espontânea e desinibida. Age como um *sniper*. Basta um tiro certeiro e fatal! Mas confesso que tem alguns que ficam espantados. Ela sabe o que quer e quem quer. Aproxima-se de um homem, inicia uma conversa. Quando os vejo, estão indo para o palco cantar no Karaokê. Ela é simplesmente cômica! Não tem vergonha de pagar mico.

De relance, vejo uma fisionomia conhecida, bem familiar. Sorrateiramente, Daniel aparece no pub. Uma aparição! Quase um Thor caindo de Asgard. Ele está com uma camiseta branca e com calça jeans. Informal e... lindo! Para em uma mesa distante da nossa, com outros três homens. Sentam-se! Eu não consigo tirar os olhos dele. Ele gesticula, atende o celular, lê mensagens e volta a dialogar.

– Olha só, o Daniel Rozetti aqui!

– Onde? Aqui? – Paola olha em sua direção. – Também sou uma fêmea atraída!

Meu pedido para São Longuinho é que ele tenha dó de mim, não permita que Daniel me reconheça e lembre-se daquele fatídico momento dentro do elevador. Alice está com alguém, nós a perdemos de vista.

– Vou ao banheiro, Paola!

– Você descobre Daniel aqui e vai se esconder no banheiro?

– Ai, deu-me uma leve incontinência urinária de

nervoso... – Dou uma piscadinha.

Ao levantar, percebo que a tequila subiu e que eu estou bem mais descontraída. Amnésia parcial é o que tenho neste momento.

Os sanitários, feminino e masculino, ficam um de frente para o outro, de forma que quando saímos desembocamos num corredor único e estreito, cheio de gravuras de bandas e personalidades mundiais.

Saio do toalete e dou de cara com Ray Charles no piano e, de imediato, choco com um homem parado igual uma estátua no corredor, decerto no WhatsApp, assistindo a vídeos tolos.

Minha bolsa abre, e todos meus pertences saem rolando e quicando. Deus do céu!

– Desculpe, eu estava observando o Ray...

– Ray?

– Charles.

Então faço o movimento característico do cantor, o que atrai um sorriso. Quando olho, descubro que eu e Daniel estamos abaixados *tête-à-tête*. Levo um susto e sinto um *déjà-vu*...

– Bolsa de mulher é um mistério. Dá medo de pensar o que pode sair delas. Aqui está! – fala e entrega-me um batom que saiu rolando para um canto perto da parede.

– Não tem razão para ter medo. Somente primeiros socorros básicos. – Pisco para ele.

Levantamos, ele me olha firme, coçando o queixo, visivelmente tentando resgatar na memória uma lembrança... Do trabalho não era, pois tenho certeza de que ele não me viu. Era do elevador, daquela humilhante noite. Ele ajeita o cabelo e fita-me.

– Então Ray Charles é uma tentação para seus olhos?

– Parece que sim...

– O que é preciso para chamar sua atenção?

– Usar óculos escuros e tocar piano! – faço uma piada sem graça, e depois me arrependo. Encaro aqueles olhos expressivos e sinto um tremor pelo meu corpo.

– Devo admitir que me pegou! – reconhece e o sorriso transborda de seus lábios carnudos.

Nesse momento, percebo que o deixei curioso e intrigado.

– Bem, obrigada! – agradeço por me ajudar a pegar meus objetos que caíram da minha bolsa, e não foram poucos. Adianto-me à frente.

– Por que a pressa? Espere! – ele diz e me segura pelo ombro. Sinto uma onda de calor subindo pelo meu corpo. Meu chefe está flertando comigo! O que eu deveria fazer? – Sou Daniel. Qual é o seu nome?

– Sou Julyana. Me chamo Julyana.

– A propósito, você não me é estranha, parece que te conheço de algum lugar...

– Na verdade me conhece do corredor dos sanitários. Você entrou na minha frente e me derrubou – soltei uma gargalhada.

– Ou devo dizer que você não olhou para a frente e bateu em mim?

– As duas opções estão corretas.

– Vamos beber alguma coisa? – Daniel pergunta-me de forma quase afirmativa.

Eu não nego. Somente o acompanho. Que mal faria tomar um drinque...

Seguimos em direção ao bar e nos sentamos para pedir uma bebida. Começo a me sentir uma traidora. Será que eu devia me apresentar como sua funcionária? Provavelmente,

iria subir um paredão de gelo se o fizesse. Opto por me calar.

Como ele é cheiroso. Eu, como uma gansa fêmea, já estou atraída! Estou tão complacente que, se ele me pedisse em casamento, eu casaria!

– Julyana, o que você quer beber?

– Tequila!

Ele pede a mesma bebida para nós dois. O papo flui. Bebemos e estamos muito alegres. Ele quer saber o que eu gosto de fazer, de onde sou. Graças a Deus não pergunta do trabalho.

– Pelo seu sotaque, percebo que você não é daqui – afirma Daniel.

– E você é o próprio paulista, só faltou o “meu”. Vocês acham que não têm sotaque nenhum e acham graça nos sotaques de todos os outros, como os cariocas, mineiros etc.

– Meuuu – ele tira onda comigo.

– Sou do sul de Minas, e não acredito que ainda tenha sobrado sotaque. Moro aqui há muito tempo, já desenvolvi características de paulistano. Já sei falar do tempo, saio agasalhada de manhã para tirar um pouco da roupa à tarde e colocar tudo de volta à noite.

– Mulher do tempo!

– Aqui é o único lugar que enfrentamos todas as estações no mesmo dia e achamos legal.

– Sabe, eu gosto daqui. Gosto de morar em uma cidade que, por mais que pareça ser difícil de viver e transitar, é o centro de ligação para tudo.

De fato, São Paulo é uma megalópole e, apesar do trânsito caótico e insuportável, possui os benefícios.

– O que costuma fazer nas horas vagas?

– Eu faço Yoga! Gosto de praticar. Meditação é importante – explico. – Meditar ajuda a relaxar. Meu lema é *opte por aquilo que te faz vibrar*, é com base nisso que costumo fazer minhas escolhas.

– E o que te faz vibrar, Julyana? – Daniel me pergunta de forma tão sedutora que me dá até uma câimbra de estrelinhas no cérebro. Tinha algo de selvagem junto com todo aquele jeito encantador.

– Hum... Música me faz vibrar. – Na verdade gostaria de ter dito que ele me fazia vibrar; contudo, me faltou coragem. Foi a primeira resposta que me veio à mente.

– E você, Daniel? O que te faz vibrar?

– Acordar bem cedo e andar de bike. Gosto de fazer trilha, observar a natureza – ele responde. – Agora não tem jeito de fazermos uma trilha, mas podemos cantar uma música!

– Como assim? Eu não sei cantar... Não canto nem debaixo do chuveiro. – A fase engraçadinha passou. Aterrissa a fase da realidade nua e crua, e uma voz esganiçada. – Ai, meu Deus! Não vai dar certo, Daniel!

– Nós iremos cantar! Vamos fazer um dueto! Na música do Lulu Santos, “O último romântico” – afirma Daniel, bem animado, puxando-me pela mão. Ui!

Será? Vamos cantar juntos “O último romântico”? Penso, por um instante, que isso está indo longe demais. Ninguém do trabalho podia me ver com ele, pois traria, no mínimo, interpretações erradas.

Paola somente acena com a cabeça, dando um sorriso debochado. Passo por Alice, ela está encostada em uma pilastra com o pretendente com a boca de quem comeu mamão.

Subimos em direção aos microfones. Aqueles quatro

degraus foram bem lerdos, assim como os demais passos até o centro do palco, onde os microfones nos aguardavam. Daniel foi me conduzindo com a mão na minha cintura. Isso estava me deixando louca!

– Boa noite, galera!

Daniel cumprimenta o público parecendo um popstar. Quem estava disperso, levantou as orelhas com atenção.

Sinto um calafrio! Não tenho voz bonita. Olho para todo o bar. Está cheio. Que mico! Vou passar vergonha! A única coisa que consegui pensar foi no Santo Antônio que minha vizinha deu. Ele, tão solitário lá em casa, sem trabalho nenhum. Peço que ele me ajude a sobreviver a esse momento de vergonha pública e sem volta. Quanta exposição! Lembro-me de que não devia ter bebido refrigerante, ontem, com chocolate; minha barriga está dilatada e com muitos gases.

Concentra!

Divago nos meus pensamentos. Daniel avisa o número da música. Só lembro-me do refrão!

Me dá um beijo, então. Aperta minha mão. Tolice é viver a vida assim sem aventura. Deixa ser, pelo coração. Se é loucura, então, melhor não ter razão.

Além de bonito, canta bem! Ele tem presença de palco e sabe alcançar a nota mais alta. Faço a segunda voz. Sorrio, pisco. Aproveito o pilequinho de tequila e flerto com meu chefe, descaradamente. Fazemos uma dancinha articulada para os lados. Vibração sonora positiva.

Ao final da música, ele me observa, tira a mecha de cabelo da frente do meu rosto. Prendo a respiração. Olha-me com desejo. Aproxima-se do meu rosto. Aprecio sua respiração e o calor emanado de seu corpo. Sinto o aroma de hortelã proveniente de sua boca. Ele passa a mão pela

minha cintura e me comprime junto ao seu quadril. Estou completamente envolvida.

No mesmo instante, as palmas, assovios e gritos desviam nossa atenção, o que nos afasta do clima.

– Você canta muito bem, Daniel! Se sua profissão não der certo, tente a carreira de cantor.

Vi o sorriso em seu semblante. Até a pinta da bochecha sorria. Homens adoram elogios, como são vaidosos!

– Vamos sair daqui para comer alguma coisa? – A pergunta me surpreende e me rouba o fôlego.

Com certeza, ele quer comer “July ao molho pardo”. Será que ia funcionar? Ele é meu chefe e nem sabe disso. Mas estou chapada, e não era hoje que eu ia ser a politicamente correta.

– Tudo bem! – respondo rapidamente. Eu o conheço, sei que não é nenhum psicopata ou *serial killer*. – Tenho que avisar uma amiga que está comigo.

– Enquanto isso, vou me despedir dos meus amigos.

Vou ao encontro de Paola, ela está eufórica e sem entender como nos esbarramos.

– Ele sabe que é seu chefe?

– Não contei, não quis atrapalhar o momento. – Suspiro e abaixo os olhos.

– July, acho que você não deveria sair assim, de primeira. Ele é seu chefe! Se gosta do seu emprego, não faça isso. Vai parecer um complô, sei lá.

– Complô, como assim? É só uma saída, não quer dizer que vamos...

– July, não dá para resistir a um homem desses. Aproveite enquanto dá tempo. É o primeiro dia dele no trabalho, ele não colocará em risco o trabalho por uma

funcionária com quem ficou uma noite. Isto não vai funcionar!

– Você está me confundindo!

Na mesma hora, Alice chega exaltada na nossa mesa.

– Não vou deixar você sair deste bar com ele, amiga. O Sr. Marcos despede você sem dó. Este bar só tem pessoas que trabalham por aqui. Não arrisque tudo!

Eu reviro os olhos de raiva e assopro minha franja de preguiça de ter que ouvir tudo aquilo. Mas havíamos feito um pacto, quando uma de nós estivesse prestes a fazer bobagem, as outras tinham a obrigação de impedir. E não deu outra...

– Será que ele é casado? – pergunto desanimada. A ideia de investir em mais um homem complicado não estava nos meus planos.

– Não sei, mas pense bem antes de entrar no Titanic. Você sabe que vai afundar!

– Estou cansada de relacionamentos sem futuro e de tanto sofrimento. Não sou Madre Teresa de Calcutá! – falo decidida a não sair com ele do pub.

– Ele está voltando! – Paola faz cara de dor.

– Vamos lá!

Ele volta animado e me pega pelo braço.

– Sabe o que é? Minha amiga está passando mal. Vomitou e está com dor – falo rápido. – Terei que acompanhá-la ao médico.

– Deve ser a vesícula! – emenda Paola, franzindo a testa.

– Meu Deus! Está tudo bem? Precisam de ajuda? – ele está realmente convencido.

– Tenho que ir! Desculpe-me! – Saio com Paola do bar, largo Daniel ali, com seus olhos curiosos. Acho que outra

mulher deixaria a amiga vomitando, morrendo de pancreatite, para ficar com Daniel Rozetti!

– Vamos nos ver de novo? – quando ele pergunta, eu já estou um pouco afastada.

Viro-me para trás com um sorriso e pisco. Ele fica com cara de paisagem. Teoricamente, só sabe meu primeiro nome.



Segunda-feira é dia de recomeço.

Fim de semana interessante com uma sexta-feira incrivelmente digna de filmes românticos, mas sem um final feliz. Passo boa parte do tempo com pensamentos fixos em Daniel. Somente eu para desviar de uma beleza daquela. Realmente, estou com problemas mentais sérios.

Atravesso o hall do prédio da Editora Insert torcendo para não encontrar com o Daniel no elevador. Havia certa probabilidade, porém não estou preparada para um questionamento sobre minha pequena omissão.



No trabalho

Alice: Dia, povo bonito e animado!

Julyana: Bom dia para quem mesmo? kkkk.

Alice: Noite ótima! Rolou o xenhenhen de forma bem esquisita...

Paola: Defina “forma esquisita” Kkkkk.

Julyana: Uma música, e Alice se dá bem!

Alice: Ele está tão apaixonado! Acordei com café da manhã, torradas e café, sussurros ao pé do ouvido.

Julyana: Fim de semana inteiro com ele?

Paola: Passa um pouco do seu mel! Vamos ver se firma desta vez!

Alice: De sexta até domingo. Muito intenso! Você verá...

Julyana: Depois de ter fugido de Daniel, fui para casa dormir contrariada.

Paola: Conta direito, July.

Julyana: Não é nada... Escutem só... Eu cantei uma música com o Daniel no Karaokê, mas não quer dizer que ele quer casar e ter filhos comigo. Nada de extravagante.

Alice: Vai lá, July! Ele vai sair da sala dele agora. Vai ao toalete. Passa na frente e diz "OPA!".

Paola: "A moça linda, de novo, dos cabelos longos, lisos e acobreados. Você parece princesa da Disney"... Já deve estar apaixonado. Kkkkkk...

Julyana: Não! Não estou interessada nele. Além disso, o que ele vai querer com uma fracassada como eu? Por que me levaria a sério? Ultimamente, ninguém anda me levando para lugar algum, quanto mais a sério.

Alice: Para July! Calma... Ih, saiu uma mulher da sala dele chorando, acho que Daniel é comprometido mesmo.

Paola: Ele está passando a mão na barriga dela.

Alice: Namorada grávida?

Paola: Realmente, devo concordar que esses tempos não estão sendo bons para você, July.

Alice: Pipa será a chance de ajudar as mulheres que precisam ser salvas! Kkkk...

Julyana: Quanto deboche! Nossa, é a loira aguada do outro dia? Mas com ele não há chance, pois só de ser meu chefe já está eliminado.

Alice: Devo concordar. As regras são claras...

Paola: Gente, preciso desabafar. Minha menstruação. Tenho até medo de falar... Sinto-me como uma mulher que sobe numa ponte para se jogar dela... Seguinte, minha menstruação está atrasada.

Alice: Jura! Quantos dias?

Paola: Há cinco dias...

Julyana: Você acha que está grávida?

Paola: Claro que não... É que estou com medo de uma menopausa precoce. Existem mulheres de 37 anos que são acometidas desse infortúnio.

Alice: Que exagero, Paola! Vocês duas estão precisando de terapia. Uma parece que está caindo do bungee jump num precipício, e a outra hipocondríaca.

Julyana: Um bungee jump para mim iria ser ótimo! Estou precisando de um tranco para funcionar.

Paola: Olhem, o Daniel está vindo para cá... É agora!

Julyana: logoff.

Paola: logoff.

Alice: logoff.

Há momentos do seu dia para os quais você se planeja. Prepara. Mas nada do que projetou acontece. E agora está por vir um daqueles momentos preciosos, em que há grandes chances de desmoronar qualquer lance com o

bonitão do meu chefe. Costumo enlouquecer e tomar atitudes literalmente estúpidas quando estou perto de situações que quero evitar, e sob pressão.

Ana, a coordenadora, ainda não chegou, pelo adiantado da hora, talvez nem venha mais.

Assim que Paola anunciou que os movimentos de Daniel indicavam que ele estava caminhando em nossa direção, engulo seco e não consigo pensar em nada que pudesse me esconder. A sala em que trabalho é ampla, clara, com várias baias baixas. Não há como correr.

Daniel está se aproximando, como um tubarão, e eu preciso tomar uma atitude rápida. Meu coração acelera. Ele está tão lindo. Uma das mãos está no bolso, seus olhos penetrantes. Balança a cabeça e acena para cada funcionário que passa por ele.

Daniel posiciona-se em frente à mesa que Alice está, perpendicularmente, ao lado contrário da minha. Eu, ridiculamente, resolvo derrubar uma caneta para entrar debaixo da mesa e me esconder de Daniel. Ideia tola! Com certeza perdi a aula de física do colegial que ensina sobre produto de massa e aceleração. Coloco muita força na caneta, ela simplesmente cria vida e é lançada na perna de Daniel.

Agachamos juntos mais uma vez. Pela terceira vez em três dias. Virou sina!

Na minha cabeça, martelo “Não vou olhar, não vou olhar, não me olhe, não me olhe”.

Para minha sorte, estou com vestido preto, lencinho vermelho no pescoço, salto alto e bem maquiada. Parecida com uma aeromoça, na verdade!

– Hã – solto um gemido estranho e sigo engatinhando até a minha caneta. Minhas amigas estavam com a mão na

boca, chocadas com a cena que assistiam de camarote.

– Julyana? – ele me reconhece e olha-me de forma surpresa, analisando toda a expressão do meu rosto, fixo em minha retina. – Animadora? – fala baixo para manter a discrição no ambiente de trabalho.

– Eu? Hum... Sou eu! – Estamos de cócoras, e eu quero sumir. – Opa! Animadora... Nãoooo!!! – Mordo os lábios de nervoso.

– Não esperava te encontrar aqui – murmura Daniel, sem graça.

– Pois é... – balbucio e estou realmente intimidada por toda a situação.

Levantamos juntos, e ele me entrega a caneta. Um desastre total! Se tivesse um bolo na minha frente eu enfiaria a cara. Sabe aqueles momentos em que ficamos sem palavras?

– Você trabalha aqui? – pergunta, utilizando vários advérbios de lugar.

Estou lascada! Lembrou-se de tudo. Todos os detalhes. Fantasia de garota de programa. Animadora de crianças. Orelhas. Pompom. Música. Karaokê.

– Trabalho como analista na empresa.

– Entendo... – complementa com um olhar absorto de algum sentimento que não consegui decifrar.

Muita informação! Observa a sua volta e dá de cara com Paola, a garota da vesícula doente. Saca tudo. Sinto-me uma líder de quadrilha procurada pela PF. É o fim!

Ele está pensativo e introspectivo.

– Bom dia! – Daniel corta o assunto. Não cabe nenhuma discussão no momento.

– Hoje Ana não virá, convoco as analistas na minha sala às dez horas para finalizarmos os artigos da próxima

edição da *MagicWomen* – diz seco.

Daniel virou-se e, com ele, foi toda a minha esperança. A impressão que ele tem de mim é péssima.

– E agora? – bufo.

– Nada como o tempo! – Alice tenta me acalantar. – Agora espera que ele peça explicações, se ele quiser.

– July, você não fez nada, além de só ficar caindo na frente dele – Paola zomba. Seu rosto meigo e debochado nos fez rir de soluçar.

– Isso, ele tem a certeza de que possui uma funcionária desastrada e com uma tendência a quedas – complementa Alice.

– Devo ter algum problema ortopédico. Quando eu era criança, usei botinhas ortopédicas, talvez tenham prejudicado meu equilíbrio. – Sorrio para não chorar.

– Minha crônica ainda não está definida. Tenho que correr – finalizo a conversa já preocupada com a matéria.

– Meu Deus! Então pode correr – desespera-me Alice.

Concentro-me na crônica do mês de abril. Nestas últimas semanas, em decorrência de tanto contratempo, decidi que ia fazer uma crônica humorística ligada aos meus recentes fatos. Torço para que um pouco da ironia de Arnaldo Jabor e do humor de Luís Fernando Veríssimo tomem conta de mim.

Trabalhar com crônica é trazer a poesia para momentos sem nenhum *glamour* ou, até mesmo, desastrosos. Quando relato acontecimentos do cotidiano, consigo transformar a realidade em fantasia, construída em minha mente. Ajuda a encarar as mazelas da vida com uma pitada de poesia. De repente, veio num clique o tema do meu próximo trabalho. Já sei exatamente o que escrever e o que abordar. Tema digno de uma revista feminina.

A secretária de Daniel, dez minutos antes da reunião, avisa que Ana havia retornado e é ela quem vai coordenar a reunião; isso me dá um alívio instantâneo. Ufa! Mas o dia tem 24 horas, e minha segunda-feira estava só no começo. Eu não sei, mas pensei que minha vida fosse virar de ponta-cabeça. Pensamos que os segundos, os minutos, são imprescindíveis somente para atletas, como César Cielo, ou um gol na prorrogação de um campeonato. Não se enganem. Um segundo pode mudar a vida!

– Bom dia! Posso ajudar? – pergunto para um senhor que parou em frente a minha baia, com um olhar curioso.

– Sim, estou procurando por Julyana Barocci – ele pergunta, porém sabendo a resposta.

– Pois não, sou eu! Posso ajudá-lo?

– Gostaria de conversar com você. Chamo-me Romeu; sou seu pai – fala em um tom contido e direto.

Como fiquei muda, ele continua.

– Se não for te incomodar, é claro.

– Sr. Ro... meu – digo engasgada. Eu sei que é ele. Meu pai, bem na minha frente depois de 35 anos. Toda a história do carnaval de 1981 retornou ao mundo dos vivos como um zumbi, *The Walking Dead*. – Bem, aqui não é o local mais apropriado.

– Se não for atrapalhar, sugiro que possamos almoçar num local aqui perto. É possível? – pergunta-me resabiado.

Confusão é a palavra para descrever meus últimos dias. Como posso me livrar de tudo? Neste instante, desejo ter uma borracha mágica para apagar tudo.

Desacelere. Respire. Alongue.

Capítulo 4

Alcancei aqueles dias em que as coisas mudam. Senti que minha vida tomaria outro rumo.

Meu pai surge na minha frente igual o Fantasma da Ópera, surpreendentemente, assustador. Apavoro-me em pensar nas explicações por tantos anos no anonimato. Apavoro-me por sentir falta de uma figura que nunca conheci. Simplesmente, temo enfrentar o passado. Um passado ultrapassado, velho, antigo, que só me traz angústias, decepções e desentendimentos.

Meu corpo é tomado por um vapor, uma chaleira em ebulição. Meu estômago dói de ansiedade. Meus olhos estão ávidos e quentes de curiosidade. Sinto-me estranhamente aturdida como se a Terra tivesse sido invadida por *aliens*, macacos, sei lá. E se fôssemos convidados a habitar Saturno?! Estou catatônica!

De onde esse homem saiu? Do buraco do tatu? Por que somente agora? Tanto tempo se passou... Durante toda a minha vida sempre quis conhecer meu pai biológico, mas em um determinado momento a esperança, a crença, já havia sido aniquilada, deixando somente uma utopia, e que, para o subconsciente, era intangível.

O passado é uma parte do tempo que optei por deixar em um baú perdido no sótão. Sempre quis evitar lembranças. Todavia, não há como fugir, e não há outra coisa a fazer a não ser abrir o baú da minha vida obscura, cheia de interrogações e descompassos.

Aceito encontrar Romeu em um restaurante na esquina da editora. Seria uma covarde se não o fizesse. Saio

rápido do prédio e torço para não encontrar Daniel pelo caminho, pois não aguentaria dar explicações agora.

O “DA ESQUINA” é um restaurante de dois ambientes, com um *self-service* diversificado que, por ser próximo à editora, facilita o aproveitamento do meu horário de almoço. Romeu está sentado em uma mesa num canto, um pouco afastado do buffet. Ansioso, aparentemente. Roda as mãos com os cotovelos apoiados na mesa e com seu dorso projetado para a frente. Ele não é tão alto, o que explica minha estatura mediana. Olhos castanhos, cabelos lisos e claros, puxados para o ruivo. Suas sobrancelhas acompanham a tonalidade de sua face. Provavelmente é da família dele que herdei a cor de meu cabelo meio avermelhado.

Não tive tempo de pensar no que dizer.

– Boa tarde!

– Boa tarde, Julyana. Sente-se. Que bom que você veio!

– diz Romeu. Há uma gentileza nos seus movimentos.

Puxa, ele é tão novo.

– Você está bem?

– Sim. – Sento-me de frente para ele. Eu não consigo perguntar nada. Só respondo esta palavrinha de três letrinhas.

Há barba por fazer, e uma ternura no olhar. Não deu tempo de digerir todos os acontecimentos do dia. Daniel e agora meu pai, que aparece depois de 35 anos para consertar uma história de incontáveis traumas, TOC e muitas sessões terapêuticas.

– Julyana, entendo seu desconforto perto de mim. Afinal, se passaram mais de trinta anos.

– Que bom! Sinto-me aliviada pela sua sensibilidade – respondo ríspida.

– Não estou aqui para te exigir nada, pois sei que nem tenho esse direito. Vim para São Paulo para conhecer você e conversar – ele dialoga pausadamente.

– Como o senhor me achou?

– Não precisa me chamar de senhor. É tão formal. Chame-me apenas de Romeu – responde. Ainda bem que ele tem noção e não pede para que eu o chame logo de pai.

– Romeu, como você me encontrou?

– Eu li uma matéria a respeito da revista *MagicWomen* e entrevistas de alguns profissionais que escreviam os artigos. Você era uma das entrevistadas.

– Não entendo. Você não me conhecia! Como uma mágica você aparece na minha frente. Como descobriu o meu nome?

De repente, o sinal vermelho do medo me assola. Os esclarecimentos iam além do que eu imaginava. Não havia sentido em Romeu me encontrar tão facilmente. Afinal, ele é europeu. Como sabe que Julyana Barocci da Editora Insert é sua filha? E se ele for um impostor?

– Julyana, não estou aqui para brigar. Quero ajudar e te conhecer.

Ele fica um pouco alarmado quando percebe que estou na retaguarda, pronta para uma batalha.

– Então me fale como você “esforçou-se” para encontrar sua filha somente 35 anos depois? Por que o interesse súbito e, ao mesmo tempo, tão retardatário? – pergunto de forma seca e cruel. Naquele momento, observo seu olhar ressentido.

– Vou explicar desde o início... – Ele franze a testa e começa a balbuciar um monte de palavras.

– Conheci sua mãe no carnaval do Rio de Janeiro...

– Os detalhes você pode pular! – falo logo. Não sei o

que acontece no momento comigo, mas o corto. Sinto raiva, angústia, aflição, desespero e muito medo do que está por vir. Uma mistura de tudo!

– No último dia de carnaval, fui procurar sua mãe no hotel, enquanto toda a família ainda estava no Rio. Seu avô desceu na recepção e me impediu de vê-la. Pediu que eu nunca mais a procurasse, pois Esther tinha um futuro pela frente, queria ser médica, e que, se eu gostasse de verdade dela, tinha que deixá-la em paz e partir em direções opostas.

– Vovô César o proibiu de vê-la depois da noite que vocês... tipo... – Nem consegui terminar a frase.

– Na manhã seguinte da noite em que concebemos você, ainda procurei por sua mãe. Logicamente, não sabíamos que ela iria engravidar. Éramos muito jovens e não tínhamos noção das consequências. Sou de uma família simples da Lapa. Seu avô impôs o ponto de vista e me convenceu de que eu somente a atrapalharia. Optei por me afastar, deixei Esther seguir com os planos. Que futuro eu poderia proporcionar?

– Você não é inglês? – indago espantada.

– Não, sou brasileiro, carioca da gema. Nasci e sempre morei no Brasil.

Essa notícia foi um soco no estômago.

– Que pessoal mentiroso! Minha mãe me contou que você era inglês e não sabia do seu paradeiro. Inventou uma história de Beatles, e que vocês falavam línguas diferentes.

– Julyana, não quero julgar a atitude da Esther. Ela quis te proteger.

– Proteger do quê? Sempre quis te conhecer. Não contou que você era do Rio, porque sabia que um dia eu iria

atrás. Ainda mais o Rio de Janeiro, que é pouco mais de 400 km de Nepomuceno.

– Naquele dia, eu estava usando uma camiseta dos Beatles, talvez por causa disso a história de inglês. – Seus olhos estão nostálgicos. – Eu não tinha perspectiva nenhuma de vida. Não podia prometer nada pra sua mãe. Então, me conformei e concordei que seria melhor eu me afastar. Éramos adolescentes. Estudava em colégio público e estava atrasado. Morávamos em cidades diferentes. Não sabia que ela tinha engravidado...

Nesse momento, Romeu fecha as pálpebras, levemente, demonstrando um abatimento comovente... Enquanto isso, meus olhos estão inquietos. Agora, eu quero saber de tudo.

– Vovô César é um pilantrinha! Você não podia ter abandonado minha mãe – afirmo, apontando o dedo em sua direção. – Tudo poderia ter sido diferente – penso alto, soltando um suspiro e apoio a mão na testa. Percebo que começo a relaxar, e um pouco do desconforto passa.

– Descobri que você existia há mais ou menos vinte anos, quando você ainda morava em Nepomuceno. Procurei sua mãe, pois havia esperança de reencontrá-la e conversar sobre um possível relacionamento. Sempre a amei! – Essas palavras me trazem um pouco de sofreguidão. Todo meu egoísmo, medo de arriscar, de amar e todo o sofrimento de não ter um pai poderia ter sido evitado. – Mas ela já estava casada e com uma família.

– O quê? Você foi até Minas há vinte anos? Mas minha mãe...

Fico completamente abobada e chocada com o rumo deste conto de fadas de Romeu e Esther. Provavelmente iria

terminar em pesadelo com presença confirmada de “Freddy Krueger”.

– Procurei sua mãe. Nossa história começou tumultuada e não terminou. Não tivemos tempo de nos falar e nem de despedidas. Devia isso a mim e a ela. Consegui encontrar o endereço de seus avós. Esther ficou muito abalada com meu surgimento repentino. Conseguimos conversar e, então, descobri que tinha uma filha de quase quinze anos. Você!

– Minha mãe nunca mencionou esse encontro. Se eu soubesse...

– Ela pediu que mantivesse distância. Você tinha uma família e um padrasto, iria deixar sua cabeça mais confusa. Chegamos à conclusão de que você tinha sobrevivido até aquele momento com minha ausência, portanto, seria melhor mantê-la.

– Que tipo de decisão é essa de vocês dois? Poderiam ter me perguntado! Argh – rosno brava. – Eu já sabia conversar, não era um bebê inerte. – Estou quase febril de raiva. – E outra: vocês repetiram exatamente o que o vovô César havia feito...

– Às vezes, Julyana, os pais tomam posicionamentos errados para proteger os filhos. Sua mãe só falava em você. Que você não iria aguentar tanta mudança, que já tinha sofrido com muita discriminação ao longo da vida... Da mesma forma como seu avô agiu naquela época.

O sotaque de Romeu é extremamente carregado. A forma como fala, os gestos e o modo como se veste demonstram sua ligação forte com o Rio de Janeiro e o “carioquês”. Confesso que em certos momentos deu vontade de rir do meu pai descolado e com sotaque de surfista.